



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

WALTER LÚCIO DA SILVA

HOMENS QUE EDUCAM: desafios do nosso tempo

CAMPINA GRANDE-PB

2013

WALTER LUCIO DA SILVA

HOMENS QUE EDUCAM: desafios do nosso tempo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau em Licenciado em Pedagogia, orientado pela professora mestra Livânia Beltrão Tavares.

CAMPINA GRANDE

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

S586h

Silva, Walter Lucio da.

Homens que educam [manuscrito] : desafios do nosso tempo / Walter Lucio da Silva, 2013.

28 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Livanía Beltrão Tavares, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Formação de Professores 3. Homem I. Título.

21. ed. CDD 372

WALTER LÚCIO DA SILVA

HOMENS QUE EDUCAM: desafios do nosso tempo.

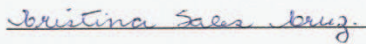
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 04/09/2013.

 _____ NOTA _____


Profª MS. Livia Beltrão Tavares/UEPB

Orientadora

 _____ NOTA _____

Prof. MS. Cristina Sales Cruz /UEPB

Examinadora

 _____ NOTA _____

Profª MS. Diana Sampaio Braga /UEPB

Examinadora

Dedico este trabalho á
minha família, base da
minha vida.

RESUMO

Este artigo surgiu no intuito de discutir o papel do educador do gênero masculino no âmbito da Educação Infantil. Minoria em todos os níveis de ensino, os homens tentam ganhar espaço num ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvem escola, família e comunidade. Baseado em alguns pesquisadores do assunto como: Santos, Mattos, Ferreira, Sayão e outros, buscamos analisar as trajetória docente de profissionais do sexo masculino do município de Queimadas - PB. Como instrumentos de coleta de dados, utilizamos entrevistas escritas com os dois únicos professores da Educação Infantil que atuam no município de Queimadas -PB. Os objetivos que nortearam nosso trabalho foram traçar um perfil do profissional masculino na Educação Infantil do Município de Queimadas e detectar as dificuldades encontradas para exercer suas funções. Os dados possibilitaram concluir que os homens são minoria na educação infantil não só na cidade pesquisada, mas em todo o Brasil, e que alguns desses profissionais temem não exercer tal função pelo fato do preconceito, visto que essa função está tão marcada culturalmente pelo papel da mulher.

Palavras-chaves: Preconceito; gênero; Educação Infantil.

¹ artigo baseado em resultados de pesquisa em 2013 na rede municipal de Queimadas -PB

² Graduando em Pedagogia pela UEPB 2013. E-mail. Walter-lucio@outlook.com

INTRODUÇÃO

A docência na educação infantil e nos anos iniciais converteu-se, ao longo do tempo, em uma profissão predominantemente feminina. Minoria em todos os níveis de ensino, os homens tentam ganhar espaços num ambiente historicamente dominado pelas mulheres e levantam questões como preconceito, desvalorização do trabalho docente e construções sociais que envolvem toda a comunidade escolar. Segundo um artigo da revista Nova Escola, os professores homens atuantes nos anos iniciais representam 16,5 e 2,9 na Educação Infantil, representando esta nova geração de profissionais da educação que irão atuar numa era para a qual se projeta um mundo sem preconceito e discriminação, pautados na igualdade entre homens e mulheres independente de idade, etnia, cor, religião ou orientação sexual.

Diante dessas questões, surgiu essa pesquisa, com o objetivo de analisar a trajetória docente de profissionais do sexo masculino do município de Queimadas -PB, auxiliando positivamente na formação dessas crianças.

Um estudo nesta linha trará subsídios para melhor compreender quem é este profissional, contribuindo para minimizar preconceitos, permitindo que profissionais que se sentem atraídos pelo trabalho educacional com crianças nesta fase não se sintam intimidados com as dificuldades que venham a enfrentar em decorrência de gênero.

MINHA EXPERIENCIA COMO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando terminei o Ensino Médio, não pensava em ser professor, nem tampouco em atuar na Educação Infantil. Prestei vestibular para Geografia, no entanto não passei, foi então que minha irmã pedagoga me incentivou para fazer o magistério (escola normal), na minha cidade em Queimadas. Quando terminei o curso, em 2005, fiz vestibular para Geografia novamente, porém ainda sem êxito, foi então que fui convidado para ensinar em uma escola privada na turma de Educação Infantil, para mim, foi um desafio! Minha primeira turma após terminar o magistério foi o maternal, crianças de 3 anos, de início fiquei com bastante medo, surgiram tantas dúvidas acompanhadas de angustias também.

Lembro que fui buscar informações sobre o homem educador para transmiti-las aos pais, assim eles se sentiriam mais confiantes com minha presença naquele recinto, na primeira reunião, logo no início do ano letivo, levei uma revista da nova escola (2005) que tinha como reportagem “o papel positivo do homem na educação das crianças”. Queria que os pais soubessem que existiam homens que educam crianças pequenas, na realidade meu medo maior era o preconceito, sendo homem em um espaço culturalmente marcado pela presença feminina, me senti na obrigação de defender meu gênero, sabia que tinha capacidade de ser um bom profissional na Educação Infantil e queria mostrar isso.

Durante esse período fui ganhando a confiança dos pais das crianças e assim eles me viram como um profissional capaz de cuidar e educar, ressaltando que quando os alunos precisavam de cuidados higiênicos tinha uma pessoa que fazia isso, infelizmente tive que começar aos poucos desconstruindo essa questão que só mulher pode cuidar e educar crianças pequenas.

No ano seguinte fui ensinar em outra escola, agora Ensino Fundamental, 4ª série na época. Até mesmo com alunos dessa faixa etária os pais me viam com outros olhos, sempre um desafio para nós, professores homens, tive novamente que fazer um ótimo trabalho para que os pais me vissem como um profissional.

Em 2008 fiz vestibular para pedagogia na UEPB, visto que estava caminhando nessa carreira de professor e precisava me profissionalizar. Quando entrei no curso tinha somente três homens, infelizmente terminamos com dois, um trancou o curso. Percebi que até no curso de Pedagogia são poucos homens, visto que é culturalmente somente mulher cursarem Pedagogia. Quando se fala em homem fazendo pedagogia diz logo é homossexual. Como se a mulher só estivesse vinculada ao curso de Pedagogia e o homem não pudesse cursar esse curso.

Em 2012 fui convidado novamente para ensinar Educação Infantil, desta vez em escola pública, uma turma de pré I na faixa de idade de 4 anos. A professora titular tinha sido exonerada e eu ia ser o professor titular da turma, sendo ajudado por uma auxiliar. Interessante foi o relato desta quando cheguei. Antes de chegar na escola a diretora que me conhecia, disse a professora auxiliar que teria um professor para a turma. Ela ficou com medo, pois não saberia como trabalhar comigo. Abaixo o relato da mesma:

Quando soube que vinha um homem para trabalhar comigo fiquei com medo. Pois nunca tinha visto um homem na educação infantil, você já ensinou educação infantil? Desculpe mais não é comum ver um homem ensinando crianças, né?

Fala da auxiliar.

Essa professora auxiliar me apresentou aos pais dizendo “Esse aqui será o novo professor, pois a professora anterior não poderá mais dar aula”. A reação dos pais na hora foi entranha, primeiro porque não me conheciam, segundo vendo um homem pronto para ensinar seus filhos de 3 e 4 anos não era comum.

Pois bem, fiz meu trabalho, mostrei meu profissionalismo, tive alguns entraves com a auxiliar, no entanto, no final nos tornamos amigos. No final do ano os pais queriam muito que continuássemos na escola e ensinando seus filhos, no entanto éramos prestadores e tivemos que sair. Hoje percebo que quando há uma relação positiva entre o professor e os pais e a comunidade escolar, os laços de confiança se tomam mais fortes e, conseqüentemente, os pais podem confiar seus filhos nas mãos de homens que educam.

EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Do ponto de vista histórico, durante muito tempo, o cuidado e a educação da criança pequena esteve sobre a responsabilidade familiar, especialmente da mãe. A instituição creche surgiu no Brasil no fim do século XIX, decorrente da industrialização e da urbanização do país. Neste contexto, o intuito era liberar a mulher para o mercado de trabalho (SANTOS, 2010, p. 8).

No decorrer dos tempos, a história da Educação Infantil no Brasil teve diferentes mudanças na sua função, pois o papel das instituições visava apenas o cuidar, não havia a preocupação de educar as crianças de zero a seis anos, havia uma visão assistencialista; atualmente o cuidar e o educar fazem parte intrinsecamente da educação da criança, pois a educação é um direito da criança desde o seu nascimento. (SANTOS, 2010, p. 9)

A presença de homens no âmbito infantil é inexpressiva. Pesquisa feita pela revista Educação (ano 16, p. 55) mostra um panorama de professores homens na educação brasileira. Na região Centro-oeste, 5,11% na Educação Infantil e 9,70% no Ensino Fundamental 1; no Norte, 5,6% na Educação Infantil e 18,59% no Ensino Fundamental 1. Na região Sul o número é ainda menor, 2,88% na Educação Infantil e 7% no Ensino Fundamental 1, assim como na região Sudeste, onde 2,5% na Educação Infantil e 7,90% no Ensino Fundamental 1. Na região Nordeste, 2,63% Educação Infantil e 10,26 no Ensino Fundamental 1.

Ainda precisamos registrar o baixo ingresso de homens nessa etapa de educação básica, onde percebe o baixo índice de homens na procura por cursos de Pedagogia, refletindo assim no mercado de trabalho. Contudo, mesmo sendo um número pequeno, esses professores representam um avanço qualitativo na chamada igualdade de gênero e contribuem para mudanças no campo das interações sociais. Além de constituir a possibilidade de interlocução no espaço institucional entre homens e mulheres, a presença desses professores nesta etapa da educação básica propicia as crianças condições de interação com outras tantas diferenças existentes entre os sujeitos. (REVISTA EDUCAÇÃO, ano 16, p. 70)

UMA ANÁLISE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A constituição de 1998 e a LDB de 1996 garante as crianças de 0 a 6 anos o direito de serem educadas fora de casa, em creches e pré-escolas (VIANNA *apud* CLAUDIA, 2008 p, 6) a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica, marca o início da experiência discente, quando as crianças terão oportunidades de conviverem em um grupo social mais amplo, em uma instituição com características diferentes das do meio familiar. Essa etapa é cenário onde irá desenvolver a questão intelectual, social e psicológica. No convívio com outros, seja com colegas ou professores.

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. Nessa relação, a criança ganha destaque convivendo e interagindo com diversas formas e novas relações de convívio. Neste contexto, os

espaços, tempos e práticas são construídas nas relações entre crianças e adultos. Segundo Faria (2006, p. 87)

(...) neste espaço de sociedade vivemos as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, etnias. Desse modo é necessário estudar as relações no contexto educativo da creche e pré-escola onde se confrontam adultos, entre eles, professor (a), diretor (a), cozinheira (...) a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da menina.

A autora supracitada, enfatiza a questão do baixo índice de professores homens na educação infantil. O direito a uma educação infantil de qualidade inclui um olhar sobre as questões de gênero. Não digo somente a questão do homem professor, mas as relações existentes nesse âmbito como um todo. A educação infantil não só cuida do corpo da criança, como o educa, nesse espaço é o primeiro lugar marcado pelo adulto, em que se impõem a conduta dos pequenos os limites sociais e psicológicos.

No Brasil, evidenciamos que a Educação Infantil é compreendida como uma “profissão feminina” relacionada às práticas de cuidado. Se o gênero é constituído das relações sociais entre homens e mulheres, por que só encontramos o gênero feminino nas salas de Educação Infantil? Ao afirmarmos que a Educação Infantil é uma profissão feminina, constituímos um problema e não apenas uma verdade. A profissão de educador infantil não constitui um trabalho só para mulheres, o fato é que encontramos um número maior de mulheres nessa área, vinculado à esfera de cuidar e educar crianças pequenas. A desigualdade se evidencia para Izquierdo (1994) em função de que as atividades femininas possuem menor poder e prestígios em relação às masculinas, independentemente dessas funções serem exercidas por homens ou mulheres.

A profissão e a docência na Educação Infantil são, de fato, elaboradas pelo trabalho cotidiano de homens e mulheres e não estão unicamente determinados por “estrutura de gênero” é preciso, portanto desconstruir ideias incorporadas de maneira errônea e crítica porque masculino e feminino não são entidades isoladas que possuem somente funções pré-determinadas pelo universo cultural.

Isso nos faz problematizar algumas questões como: homens numa função de gênero feminino? A educação infantil só pode ser exercida por mulheres? Contudo, não

basta ser mulher ou homem, não basta gostar de crianças, considerando que o cuidado e a educação das crianças pequenas têm sido difundidos como um papel de mulheres, ou ligadas às concepções biológicas, pelo forte apelo a reprodução e a maternidade, podemos afirmar que esse argumento acerca das capacidades maternais das mulheres para o cuidado com a infância visava valorizá-las no interior do lar. Dessa maneira, aos homens caberia enfrentar a competitividade no mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definida da feminilidade (MATOS, 2013, p. 123).

Badinter (1993, p 178) contraria essa ideia de que só as mulheres têm a maternagem, quando diz que a maternagem, o cuidar não tem sexo, alegando que o cuidado se aprende no fazer diário, o que leva a crer que homens e mulheres são capazes de cuidar de crianças e isso depende de experiência provenientes de seu contexto sociocultural.

Para a autora, os homens maternam, ou seja, desde que haja interesse deles próprios e boa vontade das mulheres que estão próximas, tendo em vista que muitas delas resistem à divisão desta prática, negando-se a compartilhar esse poder. A maternagem e os cuidados são elementos históricos culturais que podem ser aprendidos tanto por homens como por mulheres.

Portanto, percebemos que assim como as mulheres, não só os homens aprendem a cuidar, mas homens diferentes cuidam de formas diferentes e mulheres diferentes cuidam de formas diversas. Isso leva a crer que não existe um jeito universal masculino ou feminino de cuidar na Educação Infantil e que todos independente do gênero pode ser um profissional da educação infantil. (FONSECA, *apud* CARVALHO, 1999, p. 37).

A pouca presença de professores homens nas salas de aulas brasileiras pode ser explicada historicamente pelo privilégio que a educação proporciona ao sexo masculino. Segundo o professor Frederico Assis Cardoso (UFMG) no Brasil, o trabalho docente e as instituições educativas são formados por professoras sempre estabelecendo um dramático jogo que mantém no centro de suas engrenagens as mulheres, como alunas funcionárias, mães e professoras.

Mesmo que a maioria do corpo docente seja composta por mulheres, a instituição escolar ainda é um espaço com homens, muito embora poucos. Mas do que isso, ela foi imaginada por homens e constituída inicialmente por homens.

A regulamentação da docência ocorreu no Brasil no século XIX, com a escola normal, momento em que a modernização do país absorveu a mão de obra masculina para outros espaços sociais, possibilitando às mulheres o acesso à escola como espaço profissional. A partir das primeiras décadas do século XX, o surgimento da rede pública de ensino passou a convocar as mulheres ao trabalho no curso primário.

Para tal, foi necessário transformar a percepção social em relação à competência feminina para a função, as mulheres não eram capazes para o exercício do magistério, já que eram mais como maternais do que profissionais, por este fato, passou-se a associar o ensino primário a características categorizadas como femininas, como amor às crianças abnegação e delicadeza, não enfatizando a escola que instrui pelo intelecto, mas a formação como moralização, civilização, disciplina e higiene (SÁNCHEZ, 2010).

VOCACÃO E STATUS

Segundo o professor de Sociologia da Educação, Frederic Assis Cardoso “os homens têm certa preferência em assumir espaços ainda demarcados para a vivência de suas masculinidades, como supervisão e chefia ou aulas de educação física”. Com isso percebemos a reprodução das relações sociais de gênero, em que os homens continuam gozando de mais privilégios na hierarquia de cargos com mais prestígio, em funções de atribuições de controle e poder, muitos professores masculinos têm a tendência de trabalhar dois anos com as crianças e depois serem convidados para funções administrativas.

A ideia de que a função do cuidar é uma atividade para se exercida por mulheres é ratificada pela maioria das pessoas que trabalham na área de educação infantil, principalmente por professoras, pais e parentes das crianças. Diferentemente de como concebem a profissão ao ser exercida por mulheres. (RAMOS, 2011, p. 6)

Esse fato de que o cuidado está relacionado tão forte à mulher, pode ser explicado partindo do biológico, com forte apelo à reprodução e à maternidade e também pela questão cultural, onde a mulher fez história com o “trabalho feminino.” Sobre os intensos debates e movimentos acerca dessa questão do cuidar, na década de 80, ocorreu uma publicação da Política de Educação Infantil, divulgada pelo MEC em 1993 (BRASIL, 1993). Tal documento foi bastante divulgado na área de educação infantil e apropriado pelos profissionais dessa área, contudo essas discussões de cuidado/educação tornou-se um princípio que deveria caminhar para o fazer pedagógico nas instituições voltadas para as crianças de 0 a 6 anos.

Campos e Ferreira (1992) apontam dados desse processo quanto às indefinições/definições do que seria de fato, cuidado e educação. Dai podemos assegurar a razão de o cuidado ser tão assemelhado à mulher, pois essa ação tem sido atribuída e recai predominantemente sobre as mulheres, indicando que seu lado maternal sobrepõe a questão de cuidar e educar.

Neste contexto tentamos compreender a sua produção e relação cultural ao longo desse percurso, onde as práticas cotidianas vistas na educação infantil antes meramente feminina estão se articulando as possíveis relações masculino e o feminino, podemos perceber isso nas entrevistas que fizemos e no quadro de profissionais masculinos na área de educação infantil na cidade de Queimadas. Procurei analisar como o cuidado era visto, e quantos professores atuavam na educação infantil. Pensando nos significados da educação infantil, no fazer pedagógico, buscamos compreender os conceitos e discussões sobre o cuidado/educação, verificando “cuidado como prática sociocultural, onde pode ser desenvolvida por homens e mulheres no âmbito infantil”.

Será que o cuidado é tipicamente feminino? Será que professores masculinos podem cuidar e educar?

A busca de compreender esses elementos nos fez pesquisar em revistas, artigos e dissertações que contribuíssem para a compreensão do tema, contudo fizemos um aparato de informações realizados por outros graduandos, autores, pesquisadores da área, sobre esse tão polêmico tema do cuidar e educar, buscando as abordagens

teóricas. Quando se fala da construção social do feminino e do masculino entendemos que há algumas profissões como “femininas” e alguns vínculos voltados para a reprodução e o cuidado com as filhas ou filhos, a maternagem. Termo que ficou conhecido no Brasil, que significa cuidados maternos dedicados às crianças, contudo a argumentação acerca das capacidades naturais das mulheres para os cuidados com a infância, visava valorizá-la no interior do seu lar. Dessa maneira, caberia ao homem enfrentar a competitividade no mundo público, enquanto as mulheres deveriam continuar voltadas para o privado, tendo na maternidade o ponto definidor da feminidade (MATTOS 2003, p.123).

Não podemos ignorar os significados avanços teóricos que recentemente têm sido assimilados por outras abordagens que se pautam nos aspectos históricos, culturais, ao invés daqueles meramente biológicos que definem a diferença entre homens e mulheres ligada ao sexo, desconsiderando as construções sociais.

A tese de Chodorow (1979) indica que uma das diferenças decisivas das mulheres em relação aos homens é o fato de que, universalmente elas são as maiores responsáveis pela reprodução e pelo cuidado com os filhos e filhas, sobretudo quando as significativas diferenças quanto às formas de como as mães investiam na socialização das filhas em relação aos filhos e as personalidades de uns e outras seriam moldadas a partir dessas diferenças, que vão ficando evidentes nos meninos e nas meninas desde a infância. Simplificando, seriam as mães as responsáveis pela socialização das meninas para a maternagem, o que geraria um sentimento de responsabilidade para com o cuidado com outros.

PERCURSO METODOLÓGICO

A princípio, pensávamos em realizar dez ou doze entrevistas com profissionais da Educação Infantil. No entanto, a partir da própria fundamentação teórica, descobrimos a escassez de trabalhos voltados ao tema. Quando buscamos profissionais envolvidos com esta faixa etária, foi ainda mais difícil. Assim sendo, fizemos duas entrevistas com profissionais inseridos no contexto da Educação Infantil, objetivando analisar a realidade vivenciada por estes profissionais, as dificuldades enfrentadas e seus

medos e alegrias com a profissão. Em seguida, buscamos realizar mais duas entrevistas com profissionais que, embora formados em Pedagogia, não atuam na área. Com estas, o objetivo era analisar se o fato de não estarem atuando se devia ao preconceito de gênero ou a questões pessoais.

A inserção do relato de minha experiência se deu pelo fato de ter experienciado cada situação lida e ouvida dos participantes do estudo e por acreditar que sua história tem muito a contribuir com aqueles que optarem pelo curso de Pedagogia e pelo Magistério.

O SURGIMENTO DO INTERESSE DA PESQUISA

Grossi (1992) afirma que o gênero do próprio autor da pesquisa interfere na maneira de perceber e interpretar o objeto de estudo, partindo disso o fato de que sou professor homem e tive a oportunidade de pesquisar outros professores homens, pude estar inserido nesta pesquisa com a Educação Infantil em Queimadas- PB. Sabendo que nas instituições de Educação Infantil da rede pública ou privada de Queimadas e em todo Brasil tem prevalecido a presença de mulheres, minha presença como Professor do pré I em 2012 como minoria do sexo masculino, despertou meu interesse em investigar e compreender as relações de gênero e o perfil desses profissionais.

Nessa pesquisa, procuramos dialogar e entrevistar os dois professores inseridos na Educação Infantil (escola pública) em Queimadas, pois existem somente dois até o momento da pesquisa, e conversar também com professores que estão fora da sala de aula, porém formados em Pedagogia.

Como já dissemos anteriormente, a Educação Infantil no Brasil encontra-se historicamente associada à figura feminina e à maternagem.

O ingresso dos professores homens, especialmente quando não são conhecidos pela comunidade escolar, coloca em evidência um olhar de estranhamento por parte dessa comunidade, por outro lado tem a questão da sexualidade colocada em suspeita, onde se acredita que escolhemos essa profissão porque não somos homens de verdade; e

de outro lado convivemos com o preconceito, achando que somos homens ativos, perversos e que devemos ficar distantes das crianças (SAYÃO, 2005, p. 16).

Quando maior o envolvimento de homens na educação infantil, aumentaria a opção de carreira para eles contribuindo para que se desfizesse a imagem de que esta etapa da educação básica é um trabalho apenas para as mulheres alterando, dessa maneira, a imagem da profissão e quem sabe, melhorando significativamente os salários e o status da carreira(SAYÃO, 2005, p. 16)

Percebe-se que a presença de homens em espaços de educação infantil, cuidando das crianças pequenas é vista como algo errado fora do lugar e que deve ser evitada.

No meu caso, a profissão de professor de educação infantil teve início em 2005, na escola privada, onde ensinei crianças de 3 anos, no entanto cuidados como ir ao banheiro, limpeza da criança era feita por outra pessoa.

A presença de professores homens na educação infantil é tão forte pela diferença, que alguns sujeitos do âmbito escolar e até estudantes mulheres do curso de pedagogia em algumas discussões realizadas em grupos alegaram não confiar os filhos a um professor homem “desconhecido”, ressaltando caso fosse eu, teriam coragem, pois me conhecem e sabem o meu profissionalismo.

Alem dos pais e da comunidade pensarem em abusos sexuais, colocam que os homens que atuam na Educação Infantil são homossexuais , porque executariam funções não apropriadas para homens de verdade.

Portanto, a presença do professor homem em espaços de educação e cuidado de crianças pequenas é vista como algo estranho, e isso se repete em todas as discussões que presenciamos.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Na entrevista escrita com o professor A. visualizamos seu contentamento com a profissão de educador infantil na zona rural de Queimadas. Proporcionamos algumas questões escritas para as discussões, como seu dia a dia na escola como educador

infantil e se sente preconceito por parte dos pais. Como a intenção era provocar as respostas em torno da presença do professor homem na educação infantil, essas questões e outras abrangiam diferentes possibilidades para suscitar um olhar sobre as relações e o perfil do educador infantil.

O professor A entrevistado é casado, tem 52 anos, é professor há 23 anos, tem curso superior em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia. É concursado no município de Queimadas. Em sua fala, diz não sofrer preconceito e nunca ter passado por situações constrangedoras. Sentir-se muito bem como professor infantil. Argumenta que seu dia a dia na escola é bastante corrido, pois pela manhã leciona na educação infantil e à tarde do 1º ao 5º ano (multisseriado) e ainda é diretor da escola. Conta-nos que é gratificante trabalhar com a educação infantil, realmente sente como um agente do processo de aprendizagem dessas crianças.

O professor A. é bastante conhecido nessa região, reside e trabalha na zona rural de Queimadas, onde todos o conhecem e sabem do seu trabalho sério com as crianças. Tive oportunidade de conhecê-lo em uma capacitação para professores de educação infantil (TRILHAS) 2012, onde eu também lecionava para educação infantil na época. Na época afirmou que gosta muito do seu trabalho como professor e diretor da escola que trabalha.

Nas entrelinhas da entrevista, perguntamos se gostaria de mudar de profissão. Sua resposta foi não. Já trabalhou como balconista e está satisfeito com a profissão que escolheu e estudou.

Na entrevista com o professor B da educação infantil em Queimadas, diferentemente do professor A, sua “aceitação” na sala de aula de educação infantil não foi tão fácil, o professor trabalha com educação infantil e 1º e 2º ano juntos (multisseriado), zona rural de Queimadas. Geralmente nas zonas rurais é comum às salas serem multisseriadas. Antes de trabalhar com esta faixa etária, trabalhou como operador numa fábrica. Em sua fala percebemos que no início sentiu desconforto em trabalhar com as crianças pequenas, disse que gosta, porém os pais demoraram a se acostumar com ele, que na realidade gosta mais do Ensino Fundamental e que está sendo uma experiência ótima para seu crescimento profissional trabalhar com Educação Infantil. O professor, diferentemente do primeiro, tem ajuda de uma auxiliar que cuida da questão

higiênica das crianças, pois sabemos que crianças pequenas dependem mais dos adultos para suas necessidades básicas.

Finalizamos a entrevista fazendo a mesma pergunta que fizemos para o 1º professor, se gostaria de mudar de profissão. A resposta foi a mesma não, complementando sua fala disse que tem uma estabilidade financeira, que prestígio social e está satisfeito com a profissão mesmo sabendo que é desvalorizada, crê que a situação ainda vai melhorar.

Também fizemos duas entrevistas com professores que estão fora da sala de aula, nos anexos colocamos na íntegra suas respostas, aqui nos deteremos a analisar as questões por que eles estão fora da sala de aula e, se sentem vontade de ensinar crianças pequenas.

Na conversa com o 1º professor percebemos que, apesar de ser formado em Pedagogia há dois anos, sente medo e despreparo para ensinar crianças pequenas e se pudesse ensinar queria Ensino Fundamental e em escola pública, Sente que na escola privada o preconceito ainda é maior, tanto por parte da direção, como também dos pais. Contou-nos que em 2010, soube que estava precisando de professores em uma grande escola privada em Campina Grande, porém não sabia que era para Educação Infantil. Quando chegou foi recebido pelas coordenadoras que lhe falaram que “homem não leva jeito pra educação infantil, pois tem coisas que somente mulheres podem fazer, que homens na educação infantil trabalham na escola com música e jardinagem e que se ele queria voltar depois caso aconteça de abrir vagas para professor do ensino fundamental I” (nem fundamental tinha professor homem). Com isso o desânimo com a escola privada foi grande, relata o professor; pois já tinha indo em outras escolas em Campina Grande para preencher vaga de professor do fundamental I, porém sempre a mesma desculpa “os pais não vão gostar” ou “você não faz o perfil da escola”. Contudo, continua trabalhando em outra profissão (vendedor) até fazer um concurso.

O professor 2 também formado em Pedagogia há quatro anos, não exerce a função de professor. Atualmente trabalha com computadores e diz que não sente tanta vontade de ensinar crianças. Confessa que pretende, quando tiver oportunidade, fazer um concurso pela questão de estabilidade, mas admite que não é fácil um homem ser pedagogo, muitas vezes quando diz que é pedagogo olham pra ele de modo estranho, como só quem pudesse ser pedagogo fosse mulher. Relata que quando cursou

pedagogia sofreu preconceito, tanto em sala de aula, como também nos estágios obrigatórios, diz que o mundo é preconceituoso e que quando nascemos homem ou mulher já devemos estar predestinados a escolher uma profissão, como se profissão de homem e de mulher estivesse desvinculado e não pudesse ter uma relação.

Analisando este e outros tantos que vemos, são poucos os homens que conseguem se formarem em Pedagogia e ainda por cima muitos não exercem a função que escolheram, uns por falta de oportunidade, caso do professor 1; outros por preconceito mesmo. Sendo assim, o quadro de professores vai diminuindo tanto nos cursos de graduação como refletindo no mercado de trabalho.

RECORTES DE DEPOIMENTOS DE HOMENS QUE TRABALHAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL (RETIRADO DA REVISTA EDUCAÇÃO(ANO 16, Nº 185)

Hoje eu trabalho com 20 alunos (...) sou psicólogo e quando terminei a faculdade a perspectiva de ficar confinado em um consultório me dava aflição. Por mais que na escola exista uma rotina as crianças estão cada dia de um jeito e pesou muito na minha escolha a oportunidade de desenvolver um trabalho com essa faixa etária(...) vi muitos homens chegarem, ficarem um pouco e irem embora, porque a maioria passou pela educação infantil como uma experiência para

outras áreas(...)eu mesmo optei por permanecer e cursar pedagogia só depois de cinco anos refletindo sobre o que eu faria caso soubesse. os amigos que passaram por lá justificaram as contas a pagar, e eu entendo, porque ganhar a vida só nisso mesmo difícil(...)

Luiz Alberto 37 anos, 14 deles na educação infantil em São Paulo (SP)

Um dos entraves da ser professor de Educação Infantil é a questão financeira. Culturalmente o homem deve prover a família e trabalhando nessa área ficará difícil suprir as necessidades básicas. Percebemos pelo relato de Luiz que tem que gostar mesmo de educação infantil, todos percebem que é minoria nessa área, mais mesmo

assim não se incomodou e seguiu sua carreira enfrentando os obstáculos e derrubando tabus para desconstruir a ideia de que só mulheres podem ensinar Educação Infantil.

Escolhi ser professor por influencia da minha mãe (...) atualmente trabalho com uma turma de 3 anos, além disso leciono em um curso de formação de professores para a educação infantil(...) ao longo desses sete anos na educação infantil coleciono fatos muitos positivos apesar da resistência de alguns pais em certos momentos, sobretudo das mães. Um dia, na hora da saída, um pai me disse se sentir representado ao ver os filhos dele tinham um professor homem, já que ele não podia estar muito tempo com eles. Hoje chega a ser engraçado que em todo primeiro dia de aula no curso magistério que leciono perguntam se eu sou heterossexual, (...) uma de minhas primeiras diretoras quis saber como eu fui parar na educação infantil. Respondi que era casado e cuidava da educação das minhas duas filhas. Percebi que além de questionarem muito isso, elas pensavam:” se é hetero é preciso vigiar, porque pode ser um perigo para as crianças,” o assunto que fica por ultimo é ser sou competente para o trabalho(...)

Sandro Vinicius Sales 32 anos, 7 na educação infantil em Belo Horizonte (MG)

Ser professor homem na Educação infantil levanta muitas questões de preconceitos, visto que irão cuidar e educar de crianças pequenas, muito embora esses profissionais são concursados encontram entraves antes mesmo de começar a trabalhar na escola. Percebemos no depoimento de Sandro a questão muito forte de sua orientação sexual, sempre colocada em evidencia sua masculinidade, mesmo dizendo ser casado pai de duas filhas as preocupações de pais e direção mudam de direção achando que pode ser um perigo homem ensinando crianças pequenas.

(...) professora me deu varias dicas para não machucar as crianças, pois brincava muito no playground com elas, (...) eu comecei por acaso. Cursei licenciatura em letras na PUC-SP porque gostava de escrever e ler. Tenho vontade de fazer psicologia e o que mais quero é estudar é pedagogia, porque é minha área atual.(...) preciso ter muita paciência as vezes, porque as crianças demandam muita energia. Elas choram e você deve estar ouvido e coração abertos para conseguir lidar com as situações de uma forma justa. As vezes eu me sinto um pouco cientista com as crianças, pois eu acompanho o desenvolvimento delas e vejo como os adultos, no caso os pais são parecidos com elas, eu não gostava de ter de recortar 20 vaquinhas, 20 carneirinhos. Acho que as mulheres têm mais habilidades manuais, mais fui criando mecanismos: eu ia para casa dos meus amigos ver jogo e fazia tudo ao mesmo tempo(...) Rafael Carvalho 26 anos, 3 anos na educação infantil em São Paulo (SP).

A ideia do cuidado na Educação Infantil está tão intrínseca à mulher que quando entra um homem nessa área causa estranheza e indagações, Rafael em sua fala relata que não teve grandes problemas em trabalhar na educação infantil, muito embora tenha recebido sugestões de outras professoras na questão do brincar, por ser um homem grande e forte poderia machucar as crianças na hora do recreio, no entanto recebeu as sugestões de braços abertos. O maior desafio desses profissionais é mostrar que são capazes de fazer o papel que qualquer outro profissional, independente da questão de gênero; por outro lado tem o olhar dos outros agentes escolares por acharem que o homem não tem um aspecto físico proporcional para Educação Infantil, pois na realidade têm uma visão errônea que os profissionais dessa área somente devem ser mulheres meigas, sensíveis e de preferência com um jeito maternal de ser.

A VISÃO DA ESCOLA SOBRE A PRESENÇA DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os dois participantes dessa pesquisa, familiares e alguns profissionais de instituições de ensino, relatam algumas dificuldades em relação à presença de homens na Educação Infantil. Os dados coletados mostram, que apesar do número de participantes ser pequeno, pois a demanda de homens nessa etapa é minoria, sinalizam que esses docentes ou aqueles que pretendem entrar nessa carreira, têm sua presença de início vigiada, observada, todos os professores iniciantes na carreira passam pelo período probatório, que seria o tempo necessário para provar a verdadeira intencionalidade na ocupação do cargo. No entanto, sob olhar dos pais e da comunidade escolar, além de passarem por esse período, ainda passam pela comprovação de não representarem perigo ou dano às crianças. Sabemos que só existe o período probatório, no entanto, por serem homens, esses profissionais precisam comprovar ainda mais qualidades do que as mulheres que entram nessa carreira de educação infantil.

Outro ponto seria o fato desses sujeitos, inseridos nessa etapa e com um considerável tempo no exercício, ganharem mais confiança dos pais e da comunidade.

Percebemos que, com o passar do tempo, com a interação com as crianças e outros agentes da escola, mais confiança todos terão sobre o trabalho desses sujeitos. É tão provável que nas entrevistas os professores têm mais confiança e a comunidade maior credibilidade nos seus trabalhos, pois o tempo fez com que eles provassem sua capacidade.

A visão que se tem sobre o professor homem nos faz pensar sobre as hierarquias sociais postas ao gênero. A demarcação do gênero feminino para essa carreira e a negação ao gênero masculino. Ao tentar ter outro olhar para essa questão, esbarramos na questão da sexualidade de professores e professoras, pois nos parece que socialmente são construídas profissões para homens e para mulheres já estabelecidas, e daí parte o preconceito e o julgamento de capacidades por se escolher uma profissão demarcada culturalmente por um gênero, pois:

As capacidades específicas das fêmeas têm a ver com atividades de gênero consideradas de segunda ordem para o funcionamento e desenvolvimento da sociedade, precisamente as relativas a produção da vida humana. As atividades específicas dos machos (para indicar o sexo biológico) relativas à produção e administração das coisas. Consideram-se fundamentais, de primeira ordem. A partir dessa valorização distinta do masculino e do feminino constrói-se uma hierarquia dos gêneros. A hierarquia dos gêneros conduz ao estabelecimento de relações de dominação/ submissão entre o gênero masculino e o feminino, independente de qual seja o sexo das pessoas que ocupam os espaços sociais de gênero, nas relações de gênero. A título de exemplo, a prática da enfermagem é uma atividade de gênero feminina e a da medicina de gênero masculino (RAMOS *apud* ROSEMBERG, 2011, p. 46)

Contudo, a citação trás olhares sobre essa questão do educador infantil nos remetem a indagar e questionar, para Sayão(2005), a afirmação de que o magistério é uma profissão feminina provoca um problema e não uma verdade, estudos de alguns pesquisadores que se identificam na área indicam que a carreira de educador infantil não constitui um trabalho meramente feminino, porque nela concentra um patamar maior de mulheres exercendo essa profissão, mas porque exercem uma função de gênero feminino, que esta ligado à vida reprodutiva, relacionado com o cuidar e educar crianças pequenas, como falamos anteriormente, a questão da maternagem.

Essas profissões demarcadas não são apenas o problema, mas muitas vezes os espaços e as práticas, como afirma Junqueira (2010), as fronteiras de gênero no âmbito

escolar são excessivamente demarcadas e sublinhadas, com atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos, cores tornando-se um do outro masculino ou feminino, construídos em elementos de distinção e classificação. Se as profissões e os espaços, como também as práticas escolares são mostradas de maneira tão demarcada pelo gênero nas outras etapas da educação, pois homens na educação é minoria, na educação infantil ganham uma dimensão maior, pois o vínculo que separa o espaço escolar do espaço do lar é muito pequeno é ainda é historicamente de domínio feminino nas sociedades atuais.

VOZES MASCULINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diante dessas práticas vivenciadas na educação infantil e das investigações por meio das entrevistas, compreendemos que os professores homens constroem sua identidade partindo das relações de gênero vivenciadas no dia a dia nos estabelecimentos de ensino.

Essa construção social pode ser vista como um processo que traça as práticas decorrentes das experiências (CARDOSO *apud* MEYER, 2000, p 58) “que constrói os lugares nos quais os professores homens se posicionam ou são posicionados e a partir dos quais falam ou são falados”.

A visão que os profissionais homens possuem de si mesmos na docência infantil nos mostram quem são, pois permite traçar um pouco as características que eles se atribuem, suas escolhas, seus modos e sua trajetória na docência. Caracterizando e produzindo as identidades profissionais dos professores homens nesse espaço de conflitos e de lutas. Assim, essa construção na docência que é de grande valia para o entendimento dos conflitos e dos problemas existentes no desempenho de sua profissão. Afinal esses sujeitos exercem uma profissão socialmente marcada e definida como feminina, contudo sua prática e sua identidade docente devem ser vistas como formas de representar a sua masculinidade no âmbito escolar.

A clara demarcação de fronteiras entre professores homens e as professoras mulheres apresenta grandes efeitos, pois o olhar e o convívio com os outros gêneros

retratam conflitos. Esse olhar da diferenciação do trabalho de homens e mulheres pode ser observado na conversa informal que tivemos com o professor entrevistado e muitos outros caso pelo Brasil, visto que muitas vezes há mais oportunidade para os homens subirem de cargos ou abandonarem a sala de aula e exercerem outra função na escola, muitas vezes o professor homem faz o concurso para educação infantil passa, no entanto após uma rápida duração na sala de aula é convocado para assumir outra função na escola, seja como supervisor, coordenador ou até mesmo diretor.

Essa ascensão pode ser entendida como um espaço em que as representações de gênero se expressam, onde as práticas se constroem e fazem sentido, reforçado essa demarcação e hierarquização, onde as mulheres devem ficar na sala de aula executando as funções, enquanto os homens dirigem e orientam o sistema (CARDOSO *apud* LOURO, 2004, p.460). Fica claro, que os olhares sobre os professores homens a docência e as mulheres nas escolhas do magistério, são construídos por meio de representações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos entender as novas configurações familiares e a criação das crianças. Compreender os novos arranjos familiares é importante para que os profissionais que atuam na Educação Infantil possam contribuir para facilitar a integração e a circulação das crianças e de suas famílias num espaço de confiança e respeito mútuo.

A família está mudando, tanto que não se fala mais família, mas em famílias e em novas configurações familiares; tais mudanças já são observáveis no cotidiano das escolas e podem levar a uma inquietação sobre a criação das crianças. Quando falo em novas configurações familiares, me refiro a famílias que escapam aos padrões tradicionais, tais como famílias monoparentais (compostas por apenas um dos genitores), famílias homoparentais (formados por genitores do mesmo sexo), famílias constituídas a partir de novas formas de adoção ou de procriação.

Se a expressão “nova” configurações familiares é recente e retrada uma nova realidade, vale lembrar outra expressão “famílias desestruturadas” que circulam no discurso social já há algum tempo. Esta é utilizada de maneira genérica, costuma

apontar insuficiência ou carência dos pais e reconhece neles os responsáveis pelos problemas apresentados pelos filhos/alunos.

Assim, na atualidade, no que diz respeito às famílias, configura-se um cenário no qual, de um lado, situam-se os novos arranjos familiares, os diversos discursos e disciplinas que se dedicam a família, aos pais e à educação das crianças, e de outro, a expressão “famílias desestruturadas” usadas corriqueiras e pouco preciso no cotidiano das instituições educacionais.

A inserção de professor homens na educação infantil tem estreito vínculo com as conquistas no campo das políticas para a infância. Em especial no processo de reconhecimento da educação básica. Essa situação possibilita a abertura de concursos públicos e o ingresso de professores homens na carreira de educador infantil.

Ao analisar a família e suas transformações, Oliveira (2004) ressalta que a antiga estrutura familiar constituída por esposa e filhos, girando em torno da figura do marido ou pai deixava evidente a dominação masculina.

Por muito tempo, como diz Oliveira, o homem estava centrado como o cabeça do lar, era o mantenedor da casa e para isso precisava trabalhar muito para sustentar sua família, visto por esse ângulo podemos perceber que o homem foi criado culturalmente para trabalhar em profissões que ganhasse bastante dinheiro e que ficasse acima dos trabalhos relacionados a mulher, isso fica evidente nessa pesquisa onde o número de professores homens em todas as etapas da educação é muito pouca comparando-a com as mulheres.

ABSTRACT

This article appeared in order to discuss the role of the educator man within the early childhood education, minority at all levels of education, men try to gain space in an environment historically dominated by women and raise issues such as prejudice, devaluation of teaching and social constructions involving school, family and community. Based on some research on the subject as: Santos, Mattos Ferreira, Sayão and others seek to understand the difficulties and the inclusion of these professionals in this role. As instruments of data collection, we used interviews with two male teachers in the municipality of Burned-PB. The objectives that guided our work were moths a profile professional male in kindergarten Municipality Burning and detect difficulties in exercising their functions. The data allow to conclude that men are a minority in early childhood education not only in the city more research throughout Brazil, and some fear they will not exercise this function because of prejudice since this function is culturally marked as the role of women

Keywords: Bias; Gender;kindergarten.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Políticas de Educação Infantil**: Proposta. Brasília, 1993

CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores homens na docência com crianças**: homens fora do lugar? 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004

FERREIRA, José Luiz. **Homens Ensinando Crianças: continuidade- descontinuidade das relações de gênero na escola rural**. Tese de Doutorado. Universidade federal da Paraíba. João Pessoa, PB 2008.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz . **Currículo, Cotidiano escolar, heteronormatividade em relatos de pofessoras da rede pública**. In: fazendo gênero 9: diáspora, diversidade, deslocamento- UFSC, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1997.

MATOS, Maria I. **Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médio.** In MATOS, Maria I: SOIHET, Raquel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: UNESP, 2003. P. 107-128.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org) . **imagens de professores: significações do trabalho docente.** Ijuí: Ed: UNIJUI, 2000(coleção educação.)

SÁNCHEZ, Sebastián (org) **Políticas Públicas e Formação do professor.** Olinda, PE: livro rápido, 2010.

Revista Educação: **homens que educam: fora do lugar** .Editora segmento. Ano 16, pag 54- 68

RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In GOLDEMBERG, Mirian. **Os Novos Desejos:** das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002.

RAMOS, Joaquim. **Um diálogo com a comunidade escolar sobre a presença de professores homens na educação e no cuidado de crianças pequenas.**III seminário Nacional gênero e praticas culturais. João Pessoa 2011.

SAYÃO, Thomé Debora. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação infantil: Um estudo de professores em creches.** Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da educação, Florianópolis, 2005.